

A PERCEPÇÃO DOS DOCENTES EM RELAÇÃO AO SOFRIMENTO MENTAL DOS ESTUDANTES EM MEDICINA VETERINÁRIA

Bruna Arnizant Dezorzi e Eduardo Fraga de Almeida Prado

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

O sofrimento mental entre estudantes universitários, no curso de Medicina Veterinária, tem sido estudado devido à alta suscetibilidade dos alunos a estresse, ansiedade, depressão e abuso de substâncias. Apesar do volume de pesquisas epidemiológicas que mapeiam a saúde mental dos universitários e suas correlações estatísticas, há uma lacuna significativa na análise do discurso acadêmico e das interações entre professores e alunos. Este estudo qualitativo e exploratório investigou a perspectiva dos docentes em Medicina Veterinária sobre a saúde mental dos discentes por meio de entrevistas semi-dirigidas. Foram entrevistados sete professores, quatro de instituições públicas e três de privadas, em diferentes estados brasileiros. Os resultados nos permitiram argumentar que embora o ensino em Medicina Veterinária tenha feito progressos na promoção do diálogo e da autonomia dos estudantes, persiste uma estrutura antiquada centrada na simples transmissão de informações. Essa abordagem tradicional continua a influenciar a vida profissional dos graduados, impactando tanto suas relações com empregadores quanto com tutores e pacientes. A demanda exigida pela universidade, reflete e se prolonga nas exigências do mercado de trabalho, criando uma continuidade entre a formação acadêmica e as expectativas profissionais.

Palavras-chave: Ensino, Medicina Veterinária, sofrimento mental.

ABSTRACT

Mental suffering among university students, especially in health courses such as Veterinary Medicine, has been widely studied due to the high susceptibility of these students to disorders such as stress, anxiety, depression and substance abuse. Despite the volume of epidemiological research that maps the mental health of university students and its statistical correlations, there is a significant gap in the analysis of academic discourse and interactions between professors and students. This qualitative and exploratory study investigated the perspective of Veterinary Medicine teachers on the mental health of students through semi-directed interviews. Seven teachers were interviewed, four from public institutions and three from private institutions, located in different Brazilian states. The results allowed us to observe



that although teaching in Veterinary Medicine has made significant progress in promoting dialogue and student autonomy, an old-fashioned structure centered on mere transmission of information still persists. This traditional approach continues to influence the professional lives of graduates, impacting both their relationships with employers and with tutors and patients. The demand required by the university often reflects and extends to the demands of the job market, creating a continuity between academic training and professional expectations.

Keywords: Teaching, Veterinary Medicine, mental suffering.

1. INTRODUÇÃO

O sofrimento mental entre estudantes universitários tem sido alvo de número crescente de estudos, sobretudo na área da saúde, onde o corpo discente se mostra mais suscetível a transtornos associados ao estresse, ansiedade, depressão e abuso de substâncias (CARDWELL et. al., 2013; CARDWELL, LEWIS, 2017; FIOROTTI et. al.; 2010; LIMA et. al., 2003; RIOS et. al., 2019). São diversos os fatores que podem determinar tal casuística, um deles é a faixa etária estudantil (PAPALIA & FELDMAN, 2010).

Em um nível mais pessoal, como profissional da Medicina Veterinária e acadêmica, a graduação hoje em Psicologia me permite contemplar questões vivenciadas e testemunhadas em minha formação pregressa. Dentre elas, o sofrimento mental, lançando indagações quanto às perspectivas pelas quais o corpo discente encara tal fenômeno e como a academia pode mitigar ou contribuir para o agravamento das ansiedades e transtornos psiquiátricos de quem atravessa a Universidade. A Medicina Veterinária corrobora com as estatísticas de sofrimento mental não somente na esfera estudantil, mas também entre os profissionais formados. Estudos recentes (valemo-nos aqui de estudos conduzidos nos Estados Unidos, dado que os estudos brasileiros se concentram na Medicina humana) sustentam que o índice de suicídio entre médicos veterinários é consideravelmente maior do que o observado na população geral (TOMASI et al., 2019).

Isto posto, evidencia-se uma necessidade de escuta voltada ao sofrimento mental no contexto estudantil dos graduandos de Medicina Veterinária. Dados os desafios metodológicos e éticos implicados na entrevista com estudantes, optou-se por uma abordagem diversa: análise do discurso docente a fim de se observar de que forma se configura o discurso acadêmico em Medicina Veterinária, identificar quais seriam os principais geradores de sofrimento psíquico entre os estudantes e a percepção dos docentes dos fatores identificados, tecendo possibilidades de práticas de saúde e cuidado para estudantes



Embora sejam numerosos os estudos epidemiológicos com enfoque metodológico no mapeamento da saúde mental dos universitários (CARDWELL et. al., 2013; CARDWELL, LEWIS, 2017; RIOS et. al., 2019), não há trabalhos que analisem o discurso acadêmico por meio da narrativa docente (entrevistas), na busca de elementos verbais, não verbais e paraverbais que possam contribuir para ampliar o entendimento da prática pedagógica e de propostas de novos caminhos na relação professor-aluno.

O objetivo geral foi o de investigar a perspectiva dos docentes em Medicina Veterinária em relação à saúde mental dos discentes. Como objetivos específicos, tivemos:

- Descrever e analisar as possíveis formas de vinculação estabelecidas entre aluno-professor a partir da perspectiva dos docentes;
- Investigar possíveis fatores precipitantes de sofrimento mental na formação do Médico Veterinário;
- Descrever de que maneira e em que aspectos o ambiente acadêmico promove e/ou prejudica a saúde mental do discente;
- Averiguar se o ensino em Medicina Veterinária é um depósito de informações ou calcado no diálogo e na promoção da autonomia do discente.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Os estudos no tema de sofrimento mental entre universitários da área da saúde acessam prioritariamente os discentes. Revisões da literatura nacional (RIOS, 2019) corroboram a hipótese de alta prevalência de adoecimento psíquico, com uso frequente de substâncias psicoativas.

Estudos transversais com escalas psicológicas (SRQ-20), estabeleceram análise multivariada de fatores de risco conduzidas com estudantes de Medicina Veterinária no Reino Unido (CARDWELL et al., 2013) e com estudantes de Medicina no Brasil (LIMA, 2006; FIOROTTI, 2010). As hipóteses dizem respeito à existência de diferentes agentes estressores durante a graduação. Tais pesquisas com graduandos do curso de Medicina apontam fatores como a perda da liberdade pessoal, alto nível de exigência do curso e intensa competição existente, fomentada no próprio ambiente universitário. A carga horária elevada está associada a falta de tempo para o lazer e privação de sono. Dificuldades interpessoais entre os alunos e/ou entre alunos e corpo docente, bem como nas primeiras interações com pacientes vêm a somar o grau de desafio. Podem surgir ainda as questões do ambiente de ensino-aprendizagem desfavorável, excesso de informação, e dificuldade na escolha do percurso profissional (RIOS, 2019; FIOROTTI, 2010).



Lesnau e Santos (2013) salientaram que no Brasil existem carências herdadas de um ensino tecnicista, onde os veterinários se formam sem preparo emocional. Os autores destacam a fuga do tema “morte”, criando diretrizes extremamente técnicas.

De acordo com Rios e Sirino (2015), há outros fatores ansiógenos como recursos físicos (financeiros e humanos): a demanda pelo serviço de saúde maior do que a oferta (nos hospitais-escola), um fator de desumanização em Medicina humana. Na Medicina Veterinária, temos questões adicionais, como o impacto psicológico da eutanásia como rotina profissional, a frequência maior dos óbitos (seja pelo ciclo de vida muito menor dos pacientes, seja por questões de restrição a recursos técnicos) concomitante ao apego entre tutores e seus animais de estimação (DEPONTI et al., 2023).

Destarte, uma das questões que surgem nesse cenário é: “O que se propõe hoje no ensino da Medicina Veterinária?”

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é de caráter qualitativo e exploratório. O procedimento de coleta das informações se deu a partir de entrevistas semi-dirigidas com roteiro previamente estruturado aos docentes do curso de Medicina Veterinária de instituições públicas e privadas. Estipulamos como critérios para inclusão tratar-se de docente em diferentes disciplinas do curso de Medicina Veterinária atualmente em universidades brasileiras. Almejou-se amostra de participantes com o maior número de docentes com a maior variabilidade de áreas de atuação possível ("Clínica Médica e Cirúrgica", "Reprodução, Nutrição e Produção Animal", "Patologia" e "Epidemiologia/ Preventiva"), dentro das possibilidades e viabilidade do projeto. Os participantes foram recrutados por amostra de conveniência. O contato inicial foi realizado por e-mail disponível em documento público - currículo Lattes dos possíveis participantes. No contato inicial foi disponibilizada a Carta de Informação e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O restante da amostra foi composta por bola de neve, isto é, a partir de indicação do participante. Definimos como critério de exclusão docentes que já tenham ministrado aulas para a pesquisadora em sua formação.

Obtivemos sete participantes, quatro de instituições públicas (duas no estado de São Paulo, uma no Rio Grande do Norte e uma no Paraná) e três de instituições particulares de São Paulo, capital. Todas as entrevistas foram conduzidas na modalidade remota, pela comodidade e escolha dos entrevistados, e gravadas mediante autorização deles. Foi utilizada a plataforma Google Meets, selecionada por critérios de segurança (criptografia em trânsito), facilidade de acesso (gratuidade) e possibilidade de organização de novas reuniões gratuitas, excedido o limite de 60 minutos. Carta de Informação e TCLE foram disponibilizados pelo endereço eletrônico do participante, em formato PDF, para assinatura eletrônica, e se



encontram disponíveis em anexo. As informações coletadas foram transcritas e submetidas a análise do discurso conforme método preconizado por Foucault.

A Análise do Discurso consiste em uma abordagem no campo da linguística e comunicação surgida na França, no século XX, dialogando com outros campos do saber, como Sociologia e Psicanálise. Jacques Pêcheux se ocupa da formação discursiva a partir da premissa de que o discurso é tecido a partir de muitos outros e a enunciação em si se dá sempre a partir de um lugar sócio-histórico (GADET, 1993). De acordo com Caregnato e Mutti (2006), “pode-se afirmar que o corpus da análise do discurso é constituído pela seguinte formulação: ideologia + história + linguagem” (p. 683), de maneira que:

(...) o sujeito não é individual, é assujeitado ao coletivo, ou seja, esse assujeitamento ocorre no nível inconsciente, quando o sujeito se filia ou interioriza o conhecimento da construção coletiva, sendo porta-voz daquele discurso e representante daquele sentido (p.681).

Existem vertentes no campo da análise do discurso. No presente trabalho, utilizou-se a de Michel Foucault, perspectiva que dialoga com o materialismo histórico e com a Psicanálise. Tal perspectiva leva em conta que os atos enunciativos (ou de fala) se inscrevem em formações discursivas maiores e de acordo com um regime de verdade. De forma consciente ou não, estamos obedecendo ao conjunto de regras socialmente estabelecido, de forma que “as ‘coisas ditas’, portanto, são radicalmente amarradas às dinâmicas de poder e saber de seu tempo” (FISCHER, 2001, p. 204).

Fischer (2001) aponta que, da mesma forma que o trabalho de Foucault (1978/2004) identifica no discurso psiquiátrico a coexistência de enunciações heterogêneas, pode-se observar o mesmo fenômeno em outras formações enunciativas, como na mídia. Partimos da premissa de que isso seja válido também à Medicina Veterinária e à Academia. Uma vez diante do texto produzido, cabe a delimitação do eixo temático, o estabelecimento de recortes discursivos ao se encontrar e caracterizar repetições frequentes. Nestes recortes há de se identificar o confronto de sentidos heterogêneos e que jazem na memória do enunciador, marcando o discurso de forma inconsciente. Faz-se então a interpretação entre o interdiscurso e intradiscurso, “chegando às posições representadas pelos sujeitos através das marcas linguísticas” (CAREGNATO & MUTTI, 2006, p. 682).

Dessa forma, o trabalho avança hipóteses acerca de como se configura o discurso acadêmico e as formas como ele perpassa a saúde mental dos estudantes de Medicina Veterinária, identificando elementos discursivos que possam dar subsídio a mais estudos, e em última instância contribuir com propostas de intervenção.



4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo dessa etapa do trabalho consiste em analisar os excertos mais relevantes para a proposta dos relatos dos entrevistados. As perguntas e respostas foram agrupadas em três categorias temáticas para análise: perfil dos alunos, desafios na docência e sofrimento mental na universidade e mercado de trabalho.

4.1. PERFIL DOS ALUNOS DE GRADUAÇÃO

O primeiro aspecto abordado no roteiro de entrevista se refere aos perfis "ideal" e "real" apontados pelos entrevistados. Para fins de identificação, numeramos os entrevistados instituições públicas partindo do dígito 100 (101 a 104) e os de particulares a partir do dígito 200 (201 a 203), totalizando 7 entrevistados.

O entrevistado E101 leciona há 8 anos, ministrando hoje disciplina de produção de suínos em instituição pública. O perfil de aluno que ele observa é o de alunos "muito estudiosos, porém inseguros". Embora aplicados, observa uma característica de pouca iniciativa prática em contrapartida ao empenho nos estudos: "(...) talvez eles sejam mais estudiosos do que realmente querer colocar a mão na massa, querer vivenciar o animal". Comenta também de uma expectativa de atuação em clínica de silvestres/ exóticos, sem interesse em produção animal, o que denota um conflito diante da realidade do mercado. Nesta demarcação do aluno cosmopolita, se inscreve o discurso do que o docente define "**aluno floco de neve**": "(Essa) ...questão dos alunos, talvez eles terem um pouco de medo, de insegurança, né? Eu acho que isso é um ponto bastante crítico hoje em dia, né? Até às vezes brinco aí que os alunos são um pouco é 'floco de neve', né? Se você der um calor neles, eles acabam derretendo".

A questão da **insegurança** e da **falta de protagonismo na aprendizagem** aparece nas entrevistas de forma recorrente. E103, que leciona há 12 anos na área de Cirurgia e Anestesiologia em instituição pública, refere que encontra "vários perfis diferentes, e que alguns muito inseguros, outros menos inseguros, muito confiantes às vezes... Às vezes tem mais confiança do que juízo (...)". Observa também "alunos que são muito executores e talvez eles tenham dificuldade de se desenvolver bem em disciplinas que exigem muito raciocínio".

Já E104 leciona há 8 anos. Hoje ministra Nutrição de Cães e Gatos em instituição pública. O docente não considera que exista um perfil "ideal" de aluno e verifica mudanças na postura do aluno de hoje comparado à sua graduação:

Acho que a gente faz um comparativo, até por ser novo, de como a gente era e como eles são. Mas não acredito que a gente seja ideal. Aliás, eu acho que a gente era longe do ideal. A gente era muito assim: 'Ah, o professor falou, está certo! Ponto final, vamos embora, acabou'. E você tem que ficar 4 horas



escutando a aula e se realmente não for somar nada para ti, cara... E, não sei se isso é o ideal, eu acho que não (E104).

A fala de E104 revela um reconhecimento do aluno em sua autonomia, e uma mudança do paradigma tradicional de autoridade do professor como figura exclusivamente detentora do conhecimento.

Nas instituições particulares, surgem relatos de problemas de desempenho de uma parcela dos alunos e outras questões referentes também a expectativas irreais em relação ao curso. E201, que leciona há 9 anos na área de Clínica de Pequenos em instituição particular, verifica uma divisão entre alunos com "perfil de biológicas" e aqueles de "exatas" e com dificuldade de assimilar aspectos "inexatos" dos processos biológicos. Outra dificuldade são os alunos que procuram a Medicina Veterinária por "não gostar de gente", com dificuldades relacionais e de comunicação, o que acarreta em maiores desafios no mercado de trabalho com "tutores de animais são cada vez mais exigentes". O entrevistado menciona o **imediatismo** como uma característica marcada da geração atual de estudantes, permeando expectativas sobre o mercado de trabalho e a remuneração:

Eu acho que teve uma mudança ao longo dos anos, a imaturidade dos alunos que estão entrando agora no curso é um pouco maior (...). O que eu percebo na mudança do egresso do curso é o imediatismo. Eles têm um quesito de achar que, por exemplo, eles vão começar a trabalhar, vão começar a fazer um estágio que eles vão ganhar o que o amigo deles que faz ADM e está fazendo estágio, ganha (...). A geração atual quer tudo para ontem. Ela quer um salário bom para ontem, ela acha que vai se formar e ela já vai emendar na pós-graduação (E201).

Também em instituição particular, E202 leciona há 2 anos, nas áreas de Tecnologia de Produtos de Origem Animal (TPOA) e Produção de Ruminantes. A entrevistada caracteriza o aluno como alguém que tem "muitas vezes apreço pelo animal, porém não pela Medicina em si", verificando "dificuldade em termos de memória, em termos de fixar conhecimento, porque é um curso muito conteudista".

Observa-se aqui uma ênfase na necessidade de modelos de ensino-aprendizagem diferentes, da individualidade cognitiva (competências e habilidades) de cada aluno. Ao mesmo tempo, chama a atenção uma diferença considerável entre os relatos de instituições públicas em relação às particulares no que diz respeito a visão do desempenho dos alunos se compararmos a fala de E101 com a de E201 e E202, por exemplo. Enquanto na fala de E101 se verifica um perfil de aluno com uma autoexigência muito alta, as dificuldades observadas nas falas de E102, E201 e E202 dizem mais respeito a alunos pouco engajados (E102 e E201) ou com dificuldades referentes à assimilação do volume do conteúdo programático (E202).



No quesito do tipo de profissional que se tem por objetivo formar no curso de Medicina Veterinária, as respostas que foram divididas em duas subcategorias, uma de caráter mais mercadológico, no sentido de atender às demandas do mercado de trabalho por determinado tipo de profissional, e outra de cunho mais ético-filosófico, que diz respeito aos valores e ideais visados no profissional em formação. Os entrevistados E101, E103 e 201 mostraram marcas do primeiro tipo de discurso: "Profissionais que tenham o mínimo de capacidade de terminar a faculdade e conseguir exercer a profissão" (E201).

(Procuo formar) **resolvedores de problemas** (...). E mais especificamente na minha área, você vai atuar numa granja (...), o que envolve atender às demandas do produtor e gerar uma vantagem econômica para ele (E101).

Dentro das disciplinas que eu leciono, eu gostaria que o profissional, ele tivesse a **mínima capacidade para conseguir atuar**, mesmo que com dificuldades, mesmo que não super habilidoso, mas com segurança (E103).

Já E202, E302 e E104 apresentaram respostas mais do segundo tipo. E104 afirma: "Eu trabalho para **formar um profissional que pense**". E202 afirma ter por objetivo "**formar um sujeito pensador**". E203, vai mais além:

Formar pessoas críticas (...). Você saber se aquele conhecimento de verdade é um fato, né? Se não é uma opinião de alguma pessoa. Mas principalmente cidadãos responsáveis, **conscientizar as pessoas sobre decisões que impactam não só a vida dela, mas a vida do animal e a vida de outras pessoas e de outros animais** (E203).

Quanto à relação com os discentes, E201 ministra aula em instituição particular e aponta uma característica positiva desse tipo de instituição em relação à pública no que diz respeito à relação professor-aluno:

Tem uma outra professora que dá aula comigo, que ela é de uma instituição pública, né? E ela fala que ela tem a sensação de um distanciamento do professor, né? Ela sempre teve uma visão de, tipo, o professor é um Deus que para você conseguir acessá-lo, para você conseguir falar com o professor, é uma coisa difícil, né? (...) Eu enxergo que dentro da instituição particular, pelo menos dentro da XXXX, a gente tem muita abertura. Os professores têm muita proximidade com os alunos, um envolvimento muito maior (E201).

Todavia, as falas de E101, E103 e E104, ambos de instituições públicas, indicam uma relação de proximidade com os alunos. Enquanto E101 caracteriza sua docência como "horizontal, na medida do possível", E103 e E104 retratam a experiência pessoal de docência com entusiasmo. E103 declara:



Eu acho que é incrível, a gente poder formar profissionais. De ajudar na formação dessas pessoas que vão atuar como nossos colegas daqui a alguns anos. Então, para mim é uma experiência em que se eu tivesse que (fazer) tudo de novo, eu escolheria os mesmos caminhos, porque para mim é extremamente positivo, gratificante... realização pessoal, profissional (E103).

4.2. DESAFIOS

Apreender a atenção dos alunos aparece como principal desafio em cinco das sete entrevistas, alguns docentes destacando a relação com o sistema de ensino. E101 relata: "(...) fora do Brasil, assim, na Europa, Estados Unidos, os alunos têm uma carga muito menor de aula propriamente dita, né? Eles acabam estudando muito por conta própria. Então eu vejo que seria muito difícil aqui no Brasil, porque a gente não tem essa cultura". E201 identifica como principal desafio a dificuldade do aluno em "entender-se como responsável pelo aprendizado", atribuindo essa iniciativa ao discente.

A dificuldade de adaptação ao sistema de ensino também passa pela questão do volume de conteúdo do curso, conforme E202:

Eu acho que eles começam a desenvolver uma certa **ansiedade** quando eles percebem que o volume de matéria é muito grande (...). Eu acho que quando a gente vai para essa vertente de uma ansiedade bater, é porque aquela pessoa, aquele indivíduo está dando muita importância, para o que ele está fazendo. Mas, quando ela aparece, quando ele começa a ficar muito ansioso, por exemplo, durante uma prova, eles acabam ficando mais emotivos e eles não conseguem raciocinar (E202).

Na mesma direção, indica E103, que ministra disciplina de Anestesiologia:

E a dificuldade que a gente tem realmente é o **volume de matéria**. Eles têm muita dificuldade, principalmente com a anestesiologia. Ela é tida como uma disciplina difícil. O índice de reprovação é alto, porque eles são, eles são muito executores, muitos deles (E103).

Vemos que a dificuldade em assimilar o conteúdo das disciplinas é em parte atribuída ao formato defasado de ensino, em parte a características intrínsecas da matéria (curso conteudista), e em parte à configuração atual do excesso de informação disponível. Nesse cenário, E202 afirma a necessidade de adequação da própria matriz curricular de Medicina Veterinária nesse sentido:

Eu acho que vai chegar um ponto em que essas ciências vão estar tão desenvolvidas que não vai dar pra ter tudo num curso só. Ou a gente aumenta o curso para 6 anos ou algumas áreas vão ter que acabar desmembrando um pouco. (...). Aliado a isso, eu acho que não dá para perder de vista que a gente está vivendo um momento em que nós temos acesso a muita informação, se a gente, eu acho, permanece dessa forma tão conteudista, é bem difícil pros alunos irem carregando. O índice de reprovação, de retenção no semestre, a gente vê que às vezes é bem alto (E202).



E202 relata vivência de muita ansiedade e apreensão por desempenho, tendo inclusive passado por atendimento médico na época por conta dos sintomas ansiosos:

Para mim foi mais no sentido negativo, eu acho. Mas veja assim, eu continuei funcional, eu nunca tranquei, eu nunca fiquei, nunca caí de semestre. (...) Só que foi uma experiência para mim muito pesada, que eu não imaginava que fosse assim. Então, o meu grande problema foi lidar com esse **volume tão grande de informação**. Eu simplesmente não conseguia. (...) E quando eu finalizei o curso, na minha época de TCC, foi a primeira vez em que eu tive que buscar tratamento da ansiedade (...). E foi aí que eu tive que buscar o meu primeiro tratamento (E202).

4.3. SOFRIMENTO MENTAL

No que concerne ao sofrimento mental dos discentes, foram abordadas as percepções dos docentes sobre as estatísticas de suicídio em Medicina Veterinária e dos possíveis fatores precipitantes: a perspectiva do mercado de trabalho, a realidade do médico veterinário já formado, o perfil atual do aluno, sobrecarga de estudo e trabalho, o contato frequente com a morte em várias dimensões (abate, eutanásia) e o suporte ainda deficitário da Universidade em tais questões.

4.3.1. Perspectiva do mercado de trabalho e realidade do profissional formado

A realidade do mercado de trabalho para o profissional e o sofrimento causado pela perspectiva deste foram questões identificadas, abarcando ainda a desvalorização da profissão (social e financeira) e a falta de união da categoria (E201). E104 ilustra um cenário em que se insere o graduando ou o recém-formado: "Uma boa parte dos nossos alunos, ele não vê perspectivas. Então ele fala assim: 'Cara, e aí? Vou ser o quê?' Entendeu? 'Vou fazer o quê?'" (E104).

Notamos que E104 atribui uma responsabilidade do profissional formado na "desilusão" do graduando em relação ao ingresso no mercado de trabalho. E103, corrobora esta perspectiva:

Ele está dando plantão, mas a clínica não paga para ele ser plantonista o tempo inteiro. Ele não fica lá na clínica, ele é chamado para fazer o atendimento. Aí no final do dia ele fecha a clínica e larga os bichos lá sem suporte. (...) Mas ele não, ele não pode ficar, porque no dia seguinte ele tem que voltar para lá para continuar o trabalho. Isso gera angústia, gera ansiedade de: "O que é que eu estou fazendo com a minha vida, o que eu estou fazendo com a vida desses animais?" E a remuneração ruim é outra coisa que acho (que) gera muito, muita, muita insatisfação e coloca os meninos em depressão. Quem está bem-sucedido não tem descanso (E103).



“Quem está bem sucedido não tem descanso”. Essa última frase reverbera em vários depoimentos e suscita o debate em uma esfera mais ampla que é o modelo neoliberal de exploração do trabalho, brutal na área da saúde, onde a demanda emocional soma-se ao cansaço físico: "Eu acho que o médico veterinário, ele tem uma tendência a trabalhar os três períodos do dia e, dependendo da área, também no terceiro turno, finais de semana. É um trabalho ininterrupto" (E202).

No modelo neoliberal de exploração do trabalho, a profissão do médico veterinário ainda enfrenta o desafio da remuneração, muito inferior à do médico, por exemplo. E202 atenta para a prática do trabalhador abrir uma empresa e ser contratado como pessoa jurídica, sem direitos trabalhistas elencados na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), uma realidade preponderante na contratação de plantonistas na clínica de pequenos animais:

Até porque é uma área mal remunerada. Eu acho que é uma área em que socialmente as pessoas acham uma área bonita. Porém, eu não percebo que o profissional seja valorizado tanto financeiramente quanto do ponto de vista mesmo da... Entende? Não existe um cumprimento da lei. Eu observo que tem uma (...) pejotização (sic). (...) Que é isso de diminuir cada vez mais os benefícios desse profissional, para que ele trabalhe mais horas (E202).

Concomitante à questão da remuneração do profissional, não se pode esquecer da dificuldade financeira diante do tutor do animal, outro desafio bastante característico da realidade da clínica de pequenos animais e que pode atingir o profissional:

Eu acho que a clínica às vezes acaba sendo muito ingrata, né? No sentido de que você se empenha para solucionar o problema do animal e às vezes o proprietário não tem recurso para conseguir pagar um tratamento adequado para o animal. (...) Bom, eu sei que eu tenho que eu posso resolver o problema do animal, mas (...) o tutor não consegue pagar. Então isso daí acaba às vezes minando a gente por dentro (E101).

E104 acrescenta ainda que a falta de remuneração acaba comprometendo a formação e qualidade do serviço do profissional:

Tu vai ter um recém formado que vai ganhar 180 reais que ele precisa comer! Não, não adianta você virar e falar assim "Nossa, mas foi erro médico, porque ele não conseguiu pegar o paciente". Cara, ele não, ele, ele não aprendeu isso na faculdade, entendeu? "Ah, mas ele tinha que se especializar".(...) Pagar a especialização, como? Entendeu? Então, é uma discussão que eu vejo muito mais séria nesse sentido. E ela engloba o fator financeiro? Sim. (E104).

4.3.2. Perfil do aluno atual e sobrecarga



E201 acredita que o aumento das manifestações de sofrimento mental seja geral e não restrita a estudantes ou profissionais de Medicina Veterinária. Reconhece que esse sofrimento existiu outrora porém, menos comunicado, por questões culturais. E103 remete à concepção de que o aluno proveniente do meio rural seria mais "rústico", expressaria menos as emoções e sintomas de sofrimento emocional, valendo-se do termo "menino de sítio":

Eu acho que eles... não sei se isso é tipo uma **coisa da sociedade como um todo**, mas eu tenho a sensação que as pessoas estão mais frágeis. No passado, eu achava que os meninos vinham mais menino de sítio mesmo, é... rústico, de você falar as coisas e as pessoas não se ofenderem tão fácil. Hoje eu tenho a sensação que as pessoas estão vindo mais sensíveis e, às vezes, uma mesma frase que você fala acaba ofendendo as pessoas ou sensibilizando ou gerando algum tipo de angústia, de ansiedade que antes eu não via tanto (E103).

Ela identifica questões relevantes como o consumo de Ritalina para performance nos estudos e percebe os alunos como emocionalmente mais frágeis: "É eu vejo eles com... muitos em tratamento pra ansiedade e pra depressão. Muitos tomam remédio".

Eu acho que talvez eles já tivessem essas ansiedades todas e agora eles estão sendo diagnosticados ou então eles estão fazendo uso de coisas que geram ansiedade, por exemplo, todo mundo toma ritalina. E aí, não sei quais são os efeitos da ritalina, mas acho que bom não deve ser (risos)... pra quem não precisa (risos)! Então existe uma **pressão muito grande para desempenho**, e aí ele se automedica com medicações que têm talvez efeitos colaterais e aí gera ansiedade... (E103).

Se por um lado existe essa imagem do "menino de sítio", uma figura do passado sobre a qual não se teciam diagnósticos de transtornos mentais, hoje se constrói a figura do aluno hipersensível, "aluno floco de neve" (E101). Concomitante a esta fragilidade, associa-se insegurança, profundo medo de errar e necessidade de cuidado do docente com a comunicação.

No caso dos alunos de instituições particulares, onde o curso é meio período e a realidade de muitos é a conciliação de estudo e trabalho no contraturno, adiciona-se uma sobrecarga mental ao discente. E203 comenta em especial sobre a vulnerabilidade do aluno bolsista:

Talvez isso seja uma sobrecarga de trabalho, porque a pessoa de trabalho de forma geral, né? Porque às vezes a pessoa trabalha pela manhã, trabalha pela tarde e estuda à noite. (...) Por ser uma faculdade particular, a gente suspeita que a maioria dos alunos têm uma boa condição financeira e nem sempre é a realidade, né? Então tem muitos alunos bolsistas que talvez tenha essa própria autocobrança de "poxa, eu sou, eu preciso ir melhor na disciplina" (E203).

4.3.3. Lidar com a morte



O contato com a morte é uma realidade dos profissionais da área da saúde, mas o médico veterinário tem diante de si situações idiossincráticas como o abate e a eutanásia. Sobre o abate, foi entrevistada uma docente de TPOA (Tecnologia de Produtos de Origem Animal, disciplina na qual são ensinadas as técnicas de abate de animais de produção), sendo ela de universidade particular que não dispõe de matadouro-escola (não havendo portanto contato com a experiência do abate ao vivo). Talvez por essa razão, a questão do abate não apareça como uma dificuldade relevante no relato de E202. Os entrevistados apontam para uma necessidade de maior preparo dos alunos para o desafio de lidar com a morte, esbarrando no papel da Universidade e na abordagem e preparo na grade curricular como proposta de solução:

Eu acredito que essa estatística esteja muito relacionada ao fato da... vamos dizer assim, da autonomia que o veterinário tem em decidir sobre a vida de um animal. Por exemplo, aí se a gente pegar um ponto da eutanásia, né? (E202).

Acho que seria importante realmente a gente ter uma preparação maior dos alunos para essas questões de luto, de perda. Ter uma formação mais específica nesse sentido aí eu acho que seria importante. (...)É, eu acho que na verdade, deveria ser dentro das disciplinas, né? (E101).

E102 associa a dificuldade de lidar com a morte ao perfil mais urbano de aluno e ainda associa às mulheres um tipo mais “sentimental”: “Os alunos que são mais ligados a pequenos animais, animais de companhia, eles são mais sentimentais. (...) Tem muitas mulheres, né?” (E102). Mais uma vez, a clínica médica parece ser a área onde as dificuldades são mais evidentes. E102 relata seu sofrimento em relação às experiências de morte e doenças de difícil controle:

Eu passei por um surto de enterotoxemia no grupo de animais que eu fazia experimento, certo? E morreram muitos animais, morreram trinta e tantos animais no intervalo de duas semanas. Eu fiquei adoecida. O meu aluno que era bolsista do PIBIC, que teve que acompanhar todas as necrópsias junto com o professor de patologia, ele ficou adoecido também (E102).

Assim, quando indagada se acredita que a **fadiga de compaixão** seja o principal fator associado ao sofrimento psíquico de estudantes e profissionais de Medicina Veterinária, ela resume: “Os animais sofrem e isso me adocece. E isso me adocece” (E102).

Questionada sobre o amparo da universidade diante dessas questões, ela declara que não somente não ampara como também comete crimes no tocante ao cuidado com o bem-estar e boas técnicas de eutanásia e abate dos animais:

Falha demais, falha demais. A universidade, de uma forma geral, falha demais, comete crimes, não segue a legislação, não segue. (...) Então, a



legislação do CONCEA diz tudo como é que deve ser as instalações para o animal, tem que ter quarentena, tem que ter local certo para eutanásia, tem que ter... E as universidades não têm isso. (...) Se a gente for fazer denúncia, a coisa vira para cima da gente. Entendeu? (E102).

4.3.4. Implicação e suporte da Universidade

Diante dos relatos dos entrevistados, as universidades particulares parecem investir mais em serviços de suporte psicológico ao discente, mas a adesão dos alunos é insuficiente. E201 observa que tais programas estão mais voltados para dificuldades de aprendizagem do que para o acolhimento em situações de sofrimento mental. Ainda assim, existe a resistência à procura do serviço: "Eu acho que mesmo quando vários professores recomendam, (...) os professores muitas vezes querem fazer esse encaminhamento. Mas são pouquíssimos os alunos que aceitam" (E202).

E203 enxerga uma deficiência por parte da universidade no que diz respeito ao **preparo dos docentes** para lidar com situações críticas e identificar o sofrimento mental em alunos a fim de se obter o melhor encaminhamento. E203 relata uma ocasião em que uma aluna vivenciou uma crise em sala de aula e o docente sentiu-se sem recursos para ajudá-la:

Teve um caso que aconteceu comigo (...), que no final da aula ficou só uma pessoa, uma menina (...). E aí no final da prova, ela começou a chorar, assim, copiosamente, eu falei assim: "O que que eu faço agora?". E aí tinha uma outra professora junto comigo (...) mais experiente. E ela conversando, aí a gente falou desses programas, mas é algo que a gente tem apoio, mas ainda não tem esse assim: "Aconteceu isso. O que que eu faço? Para quem eu direciono?" (E203).

Nas entrevistas com profissionais de instituições públicas, o desamparo parece ainda maior, posto que sequer sabem da existência de serviços de apoio psicológico ao discente. Estão implicadas nas condições de trabalho dos docentes certo desamparo institucional diante de crises e sofrimento psicológico dos alunos concomitante a sobrecarga de trabalho não só dos alunos, como também dos próprios professores.

4.3.5. Discussão

A perspectiva dos docentes em Medicina Veterinária em relação à saúde mental dos discentes se apresentou a partir de diferentes aspectos no presente estudo. O primeiro diz respeito à ambivalência nas formas de vinculação, que ora se afirmava como próxima, ora distante (na medida em que os docentes diziam não ter contato suficiente com os alunos a ponto de saberem identificar formas de sofrimento). Partindo desse lugar de proximidade e não-proximidade simultâneos, foram aventados alguns fatores precipitantes de sofrimento psíquico em potencial que se apresentam desde a fase estudantil mas parecem atingir seu



ponto máximo no profissional formado que adentra ao mercado de trabalho, sendo os principais deles a pressão por desempenho, insegurança/ medo de errar, o cansaço/ *burnout* decorrente da tentativa de conciliação de estudos e trabalho (em instituições particulares nas quais o curso é de meio período), o contato intenso e peculiar com a morte (eutanásia, abate).

Embora muito se tenha avançado no ambiente acadêmico no sentido de promover a saúde mental dos estudantes (o que se verifica pela existência de programas de apoio em uma das instituições particulares, na qual, trabalham três dos entrevistados), em outros aspectos a Universidade ainda acaba por promover indiretamente esse adoecimento, na medida em que nela ecoa o discurso neoliberal da performance e da produtividade que atravessa o sujeito desde sua formação: o profissional pronto para atender às demandas do mercado.

Quanto ao processo de ensino-aprendizagem, ao mesmo tempo em que se verifica preocupação e comprometimento dos professores com a autonomia do aluno, também se constata a presença do sofrimento gerado por um curso "muito conteudista", nas palavras de uma entrevistada, o que nos remete ao processo de desumanização indicado por Rios e Sirino (2015) que atravessa as práticas de saúde e educação de maneira intimamente relacionada, constituindo o que Paulo Freire (2006) definiu por "prática da dominação". Neste caso, o sistema (educacional e mercadológico) em relação a docentes e discentes, pressiona por produtividade. Freire descreve uma forma tradicional de ensino onde todos os processos da vida se transformam em coisas, prejudicando o desenvolvimento da autonomia do aluno e um olhar crítico e sensível diante da realidade e do mundo. No caso das entrevistas conduzidas, notou-se certo movimento dialético em relação ao modelo tradicional de ensino calcado na transmissão exaustiva de conteúdo e enquadramento dos estudantes na lógica de mercado desde a sua formação.

É possível relacionar a perspectiva de Freire sobre a forma como o neoliberalismo implica um controle insidioso sobre as supostas escolhas dos sujeitos, como afirma Laval comentando a obra de Michel Foucault: "é pelo meio que o sujeito se torna governável, um meio adaptável em que o indivíduo é 'livre' para agir como quiser, como um peixe é livre para nadar em seu aquário" (LAVAL, 2021, p. 40). Dessa forma, o neoliberalismo se apresenta como um modo de produção dos sujeitos, permeando "'relações estratégicas' que constituem o mundo social e que modelam as subjetividades" (LAVAL, 2021, p. 39). Assim, se por um lado o ensino em Medicina Veterinária mostra avanços importantes no sentido da promoção do diálogo e da autonomia do estudante, ainda permanecem traços importantes de uma estrutura centrada no depósito massivo de informações. Essa estrutura arcaica reverberará na vida profissional, seja nas relações profissional-empregador, seja na relação com tutores



e pacientes, posto que a demanda do mercado sobre o aluno se mostra como um prolongamento da demanda da Universidade sobre o mesmo.

A ideologia neoliberal refere-se aos sistemas de crenças, valores e representações que sustentam e legitimam determinadas práticas sociais, políticas e culturais na contemporaneidade. Através da linguagem, as ideologias são tanto perpetuadas quanto contestadas. A linguagem é o meio através do qual os discursos são construídos e transmitidos. Na análise do discurso, a atenção recai sobre como os discursos são estruturados, quais escolhas linguísticas são feitas e como essas escolhas contribuem para a produção de significados específicos (CAREGNATO & MUTTI, 2006, p. 682). Partindo dessa perspectiva, chamam a atenção o uso dos termos "aluno floco de neve" por um dos entrevistados e "menino de sítio", por outro. O primeiro termo denota uma posição de cobrança por "resiliência", uma demanda no sentido de que o aluno suporte situações sem manifestar sinais de fragilidade emocional ("um calorzinho e ele derrete"), o que explica a lógica da exaustão e da ansiedade nessa população. A fala referente ao "menino de sítio", ou "rústico", se coloca na outra extremidade do mesmo eixo, isto é, da expectativa de uma resistência ou capacidade de suportar incômodos ou situações aversivas acima do que seria esperado. Essas duas expressões foram, a nosso ver, as mais ilustrativas do que parece ser o ponto central de tensão nas relações no contexto acadêmico da Medicina Veterinária que, como vimos, se mostra como o início de uma problemática que irá se estender para a vida profissional.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As entrevistas permitem uma reflexão sobre a perspectiva meramente acadêmica que desconsidera as circunstâncias pessoais e emocionais dos estudantes. E104 sugere que apenas um profissional treinado em Psicologia possui a habilidade e a sensibilidade necessárias para compreender profundamente essas questões e orientar adequadamente tanto os alunos quanto os professores.

Converge-se assim na ideia de que o sistema educacional necessita prover e integrar apoio psicológico mais robusto. Para os professores, isso significa reconhecer e cuidar de suas necessidades emocionais para que possam desempenhar melhor seu papel educacional. Para os alunos, significa reconhecer e lidar com as complexidades emocionais que podem afetar seu aprendizado e bem-estar. Surge a necessidade de uma abordagem mais humana e sensível nas instituições educacionais, onde tanto professores quanto alunos possam receber o apoio psicológico necessário para enfrentar os desafios pessoais que

podem surgir ao longo do processo de ensino e aprendizagem em um contexto tão complexo e repleto de pontos sensíveis como o da Medicina Veterinária.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDWELL, J. M.; LEWIS, E. G.; SMITH, K. C.; PATH, F. R. C.; HOLT, E. R.; BAILLIE, S.; ALLISTER, R.; ADAMS, V. J.. A cross-sectional study of mental health in UK veterinary undergraduates. **Veterinary Record**, 2013. v. 173, i. 11. p. 266.
- CARDWELL, J. M.; LEWIS, E. G. Vocation, Belongingness, and Balance: A Qualitative Study of Veterinary Student Well-Being. **Journal of Veterinary Medical Education**, 2017. n. 44, v. 1, pp. 29-37.
- CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R.; Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto Enfermagem**. 2006. v.15, n.4, pp. 679-84.
- DEPONTI, P. S.; JAGUEZESKI, A. M.; PULGATTI, H. V.; SOARES, J. C. M.; CECIM, M. S.; Veterinarian's perceptions of animal euthanasia and the relation to their own mental health. **Ciência Rural**, 2013. v.53, n.5. pp. 1-11.
- FIOROTTI, K. P.; ROSSONI, R. R.; BORGES, L. H.; MIRANDA, A. S.. Transtornos mentais comuns entre os estudantes do curso de medicina: prevalência e fatores associados. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, 2010. n.59, v.1, pp.17-23.
- FISCHER, R. M. B. Foucault e a Análise do Discurso em Educação. **Cadernos de Pesquisa**. 2001. n. 114. pp. 197-223.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- GADET, F.; **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 1993. Campinas: Editora da Unicamp.
- LAVAL, C. "Michel Foucault: Como o neoliberalismo nos governa?". In: **Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.
- LESNAU, G. G.; SANTOS, F. S. Formação dos acadêmicos de medicina veterinária no processo de morte e morrer. **Bioscience Journal**, 2013. , v.29, n.2, pp.429-433.
- LIMA, M. C. P.; DOMINGUES, M. S.; CERQUEIRA, A. T. A. R.. Prevalência e fatores de risco para transtornos mentais comuns entre estudantes de medicina. **Revista de Saúde Pública**, 2006. n.40, v.6. pp. 1035-1041.
- PAPALIA, D. E., OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 10ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- RIOS, M. G. V.; MASCARENHA, L. V. R.; SOUZA, K. S.; OLEBAR, D. T. C. R.; PAIVA, M. C. E.; SILVEIRA, A. O.. Adoecimento e sofrimento psíquico entre universitários: estado da arte. **Revista Humanidades e Inovação**, 2019. v.6, n.8, pp. 23-31.
- RIOS, I. C.; SIRINO, C. B.; A Humanização no Ensino de Graduação em Medicina: o Olhar dos Estudantes. **Revista Brasileira de Educação Médica**. 2015. n. 39, v. 3. pp. 401-409.
- TOMASI, S. E.; FECHTER-LEGGETT, E. D.; EDWARDS, N. T.; REDDISH, A. D.; CROSBY, A. E.; NETT, R. J. Suicide among veterinarians in the United States from 1979 through 2015. **Journal of the American Veterinary Medical Association**. 2019. v. 254, n. 1, pp. 104-112.